

# NARCISISMO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

A pessoa que escreveu a conferência que o sr. Juscelino Kubitschek devia pronunciar na Escola Superior de Guerra acertou, pegou bem o tom que convem ao ilustre locutor, qualquer que seja a matéria tratada. Logo no início da peça está marcada a clave e estão assinalados os bemois do mais desenvolto e alegre dos narcisismos. Examine o leitor esta passagem que está na abertura do discurso: "Em oportunidades anteriores venho procurando realçar que, pela primeira vez em nossa história de povo independente os assuntos da política externa passam a interessar profundamente a diferentes camadas da vida nacional". Ora, meus caros leitores, isto não é verdade. A vida republicana do país está cheia de episódios que provam, abundantemente, o interesse do povo e de todas as classes pela política exterior. Será preciso lembrar o caso da Segunda Conferência da Paz em Haya, realizada no ano de 1907 com o comparecimento de 48 delegações? Lembremos. O Barão do Rio Branco (será preciso lembrar quem foi?) convidou Ruy Barbosa para chefiar a delegação brasileira. Ruy hesita, teme não ser capaz, pede um prazo indeterminado para pensar, e após 42 dias de meditação e estudo resolve aceitar o posto. Vá o leitor observando a diferença de estilo: naquele tempo o homem de estado meditava, hoje resolve tudo na canelada e no peito. Creio que não é preciso dizer que Ruy Barbosa deu boa conta de sua incumbência. Basta lembrar que foi um dos "sete sábios" da Conferência e que, na opinião de um estrangeiro (W. Stead), "as duas maiores forças pessoais da Conferência foram o barão Marshall da Alemanha e o Dr. Barbosa do Brasil". Mas o

que interessa rememorar, para responder àquele tópico presidencial, é a manifestação com que Ruy foi recebido em seu regresso. Em todas as camadas do povo brasileiro chegou a notícia da boa figura de Ruy em Haya, e as mais diversas instituições, o Clube de Engenharia por exemplo, fazem questão de homenagear o grande tribuno.

E o Barão do Rio Branco? Terá sido com indiferença que o povo, a imprensa e as academias assistiram ao portentoso atletismo diplomático que deu ao Brasil, pacificamente, mais de 900.000 quilômetros quadrados que antes tinham delimitações imprecisas? Quando o Barão morreu, em fevereiro de 1912, eu era menino de ginásio. Lembro-me da apoteose, da consagração que foi o seu enterro, como também me lembro duma homenagem paradoxal do povo brasileiro. Como o falecimento ocorreu em vésperas de carnaval, os mais respeitosos e civicos resolveram adiar a festa. Esta parte da população, quando chegou o domingo da quinquagésima, ficou em casa, mas a outra, por ignorância ou candura, saiu pelas ruas de pandeiro na mão. Ora, quando chegou data marcada pelo adiamento, saíram todos para a rua, e assim, em homenagem a Rio Branco, houve dois carnavais!

Não. Não é de hoje o interesse do povo e das elites pelas coisas da política exterior. O que é recente, o que se vê realmente pela primeira vez na história do Brasil é a curiosa coincidência que põe na embaixada de Londres um homem como o sr. Assis Chateaubriand, no Ministério um homem como o sr. Negrão de Lima, e na OPA um homem como o sr. Augusto Frederico Schmidt. Disto o sr. Juscelino Kubitschek pode se gabar.